

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## BREVES PALAVRAS SOBRE ARQUEOLOGIA DE RIO MAIOR.

ALMEIDA, Fernando de

Ano: 1978 | Número: 88

---

### Como citar este documento:

ALMEIDA, Fernando de, Breves palavras sobre arqueologia de Rio Maior. *Revista de Guimarães*, 88 Jan.-Dez. 1978, p. 389-399.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)

URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Breves palavras sobre Arqueologia do Concelho de Rio Maior

Por D. FERNANDO DE ALMEIDA

---

A investigação é uma das preocupações do arqueólogo; outra consiste na difusão dos conhecimentos adquiridos não só pelo arqueólogo em causa, mas também pelos seus antecessores ou contemporâneos. As contribuições que ele pode fornecer para a elaboração da história local veem no seguimento das suas preocupações.

Para se fazer compreendido o arqueólogo necessita fornecer noções, mesmo sumárias que sejam, à sociedade que sirva na área arqueológica a tratar.

Com esta orientação desperta-se o interesse pela Arqueologia e o auditório passa a compreender melhor a história da sua região e, em consequência, a proteger eficazmente os monumentos arqueológicos nela existentes e agora compreendidos no seu verdadeiro significado.

Foi com este fim que temos vindo a pronunciar palestras em povoações onde faltam centros de cultura. As linhas que se seguem foram escritas com essa intenção.

A escolha do concelho de Rio Maior foi sugerida pelo ilustre filho desta terra, e meu caro Colega, Dr. Laureano Santos, com o apoio do Presidente da Câmara Senhor José Pulquério.

O sábio filólogo e arqueólogo Leite de Vasconcelos escreveu algures uma frase a que já me tenho referido dada a veracidade do seu significado: «um povo sem história não tem razão de existir». E isto porque é através da História que se marca uma posição no mundo; que

ficamos a saber quem somos, de onde viemos e o que fizemos. E assim se pode avaliar com bases sólidas, o que de nós se pode esperar.

A História do País assenta a sua elaboração na História dos seus concelhos: por isso o Concelho de Rio Maior pretende contribuir, neste sentido, para estar presente, com verdade e justiça, na História de Portugal. E, assim, fui convidado para vir aqui trazendo o que é do meu conhecimento ter sido revelado por outros.

### *Noções gerais e sumárias de Arqueologia*

Praticamente, até à primeira metade do séc. XIX, os conhecimentos gerais de História limitavam-se e serem gisados e comentados pelo que a literatura desde séculos ia tornando público, relatando factos nem sempre comprovados por documentos verdadeiros, quando não inventados; acrescentava-se-lhes o que a tradição transmitia ou a fantasia imaginava. Herculano teve, nesta nova fase da elaboração da História, um papel preponderante a partir da publicação, em 1846, do 1.º Tomo da sua História de Portugal, por a ter baseado em documentos autênticos guardados nos Arquivos, o que por um lado lhe valeu louvores, mas por outro, críticas violentas.

A História geral começava com a do Egipto, pelo ano 3 000. Daí para lá era como se não tivessem existido homens. E, se existiram, nada se sabia sobre o que fora a sua vida.

Foi então que um achado fortuito acontecido na França, precisamente em 1837, veio revelar com documentos autênticos, que muito antes daqueles longínquos antepassados e dos hieroglifos tinha havido outros; estes utilizavam pedras por eles afeiçoadas para as transformarem em instrumentos e possivelmente, paus para fins utilitários. O facto não era inédito, pois pelo menos, essa ideia já fora sugerida no tempo de Roma, mas, seguidamente, não se pensou mais nisso. Ora, desta vez, a partir dos meados do século passado, realizaram-se explorações em todos os países que levaram última-mente à conclusão de que já teria havido homens na Terra desde há 3 milhões de anos ou mais: tudo baseado em

documentos comprovativos arrancados do solo ou revelados por outros processos.

A datação dos objectos encontrados foi o resultado de aturadas pesquisas onde a química e principalmente a física, designadamente a atómica, colaboraram intensamente para estabelecerem cronologias certas. E assim, ficamos a saber ter existido homens idênticos aos actuais, no nosso território, desde há 25 000 ou 20 000 anos. Antes destes por cá viverem houve outros, menos evoluídos, que vão sendo datados em períodos muito anteriores até a aqueles acima indicados Estes eram os já referidos e que preparavam somente pedras e paus para deles fazerem instrumentos.

Houve a ideia de designar os achados, pedras ou mesmo esqueletos, pelo nome do local onde foram recolhidos, acrescentado do tipo do objecto. Entre uns e outros há diferenças e semelhanças: estas são principalmente dadas pelo facto de os materiais usados serem pedras. Daí o nome de objectos paleolíticos, criada é, «objectos antigos feitos de pedra». A seguir foi feita uma grande divisão porque entre eles havia uns mais antigos que outros; e os homens que os produziram também eram uns mais modernos e outros mais antigos, etc.

O grupo mais recuado passou a ser chamado Paleolítico inferior, ou antigo; ao mais moderno chamou-se Paleolítico superior. Pertencem a este último, os homens idênticos a nós. No primeiro, portanto no mais primitivo, incluímos os objectos ou instrumentos mais antigos, então pela primeira vez encontrados e classificados; apareceram em Abeville, na França; por isso são chamados «abevillenses». Os recolhidos posteriormente no Languedoc, por exemplo, são os «languedocenses», etc. Sempre dos mesmos tipos, mas com características diferentes.

A seguir ao Paleolítico superior surgiu o Epipaleolítico e, depois, o Neolítico (entre os anos 5 000 e 4 000). Neste aparecem pedras já polidas. Enquanto os povos paleolíticos eram caçadores nómadas, os neolíticos fixaram-se no solo, iniciaram a urbanização, inventaram a cerâmica e domesticaram animais, de que o primeiro parece ter sido o cão. Pelo final deste período apareceram monumentos feitos com grandes pedras; portanto, megalíticos (3 000). Entre eles há «dolmenes», construções destinadas a jazigo de personagens importantes,

que depois eram cobertos com terra, formando assim as chamadas «mamôas». Outras grandes pedras aparecem neste período, espetadas no chão, são os «menhires» ou então, em vez de isoladas, vêem-se em grupos dispostos formando quadrados ou outras formas geométricas. Teriam funções religiosas?

No Cáucaso, ou por lá perto, foi iniciada a metalurgia; começou pelas do cobre e do ouro; depois veio a do estanho. Seguidamente surgiu a grande revolução do Ferro com a fabricação de instrumentos utilitários e de guerra mais eficientes e de custo mais reduzido.

Por escassez de matérias primas para a metalurgia, os asiáticos vieram procurá-las aos povos ribeirinhos do Mediterrâneo. Encontraram cobre em Chipre (daí este nome, *cuprus*, *Cyprus*) e, depois, só na Península ibérica, riquíssima em minérios de Cobre, de Ouro, de Estanho, de Prata. em seguida veio o Ferro. A liga Cobre com Estanho cedo foi adoptada para a fabricação de Bronze. Assim foram surgindo, sucessivamente, as Idades do Cobre, do Bronze, do Ferro. A Idade do Ouro só apareceu na ideia dos poetas, pois o metal não se presta para outras coisas que não sejam decorações. E os homens daquele tempo colocavam o utilitário à frente; de resto como vem sucedendo na actualidade.

Os metalurgistas, ao desembarcarem na Península, criaram feitorias fortificadas, perto ou no caminho das praias e com ligações para o interior. E junto às fortalezas ou mesmo dentro delas, levantaram as suas habitações; são desse período os povoados fortificados de que existem ruínas evidentes de pertencerem a essa época, em Vila Nova de S. Pedro, (3 200-2 200) no concelho de Azambuja e no Zambujal, nas proximidades de Torres Vedras, (2 440-1 500).

Veio depois a Idade do Ferro (700-500). No país abundam topónimos referentes ao aproveitamento posterior deste metal: Ferreira, Ferreiros, Freiria, Ferraria, Ferreirinha, Ferrós, Ferro, Ferros, etc.

Bastante mais tarde vieram também do Próximo Oriente outros povos que aqui se instalaram; até nós chegaram (700-500) os Fenícios, de certeza e os Gregos segundo muitas probabilidades, apesar da proibição que sobre eles recaía, de lhes ser vedada a passagem pelo Estreito de Gibraltar.

Os Celtas migrantes vieram também à Ibéria (500-300). Talvez que o Povo Lusitano fosse de origem céltica ou seu aparentado: este problema ainda não está definido concretamente. Os Lusitanos ocuparam, pelo menos, o centro do actual Portugal. E isto nos interessa assinalar nestas notas: os riomaiorenses têm antepassados Lusitanos.

Finalmente veio a conquista romana da Península, iniciada em 218 a. C. e concluída no ano 19 a. C.

Fizemos esta muito sumária excursão arqueológica para melhor se compreender o que iremos contar sobre a integração do concelho de Rio Maior na História do Povo Português e seus antecedentes.

Em primeiro lugar não se deve chamar correcta a classificação que designa por Pre-história e Proto-história aos períodos de tempo que antecederam a história escrita. Por isso é incorrecta aquela designação, com o significado que se lhe pretende dar. A História começou com o Homem: Pré-história deveria, por definição, significar o período anterior à existência do Homem, e não é isso que se pretendeu ao inventá-la.

Semelhante raciocínio se pode aplicar à palavra Proto-história. É certo não ser o hábito que faz o monge; mas aqui podemos dizer que o hábito faz a asneira. E, portanto, continuamos a usar «Pré e Proto-história» com os significados que se lhe atribuíram, de princípio, talvez por uma questão de inércia.

Na Península era desconhecida a escrita antes de cá chegarem, precisamente, à faixa mediterrânica, os Fenícios, e os Gregos e provavelmente outros povos, como os Etruscos e os Lígures.

Portanto estas gentes que usavam alfabeto próprio, aportaram à Ibéria Pré-histórica. E ao escreverem sobre ela, inauguraram então a Proto-história: isto é, História escrita de fora, por estranhos a ela, à Península neste caso, e na sua língua, deles.

Posteriormente apareceram na Ibéria umas escritas que foram chamadas «ibéricas», com alfabetos próprios. No território português, precisamente no Sul do Alentejo e no Algarve, têm sido recolhidas numerosas lápides escritas com alfabeto igual traduzindo uma língua hoje

desconhecida. Há só uma inscrição desta língua aparecida na vizinha Espanha.

Na parte mediterrânica da Península e no planalto central, surgiram outros alfabetos pela mesma época. Nestes escritos, chamados ibéricos, notam-se influências fenícias e gregas, como nos do Algarve.

Ainda não se conseguiu decifrar o alfabeto conhecido quando, se descobriu como algarvio, por a princípio se supor serem só daquela província as lápides recolhidas. Agora sabemos que o Alentejo tem contribuído mais com o aparecimento de muitas inscrições, deste tipo.

*Revelações arqueológicas relativamente recentes sobre a antiguidade da ocupação humana no concelho de Rio Maior*

Os arqueólogos que pesquisaram o solo e grutas de Rio Maior foram, que saibamos: Manuel Heleno, Afonso do Paço, Francisco Barbosa, José do Nascimento e Sousa e Francisco Bergstrom Barbosa.

Foi Manuel Heleno um dos arqueólogos que mais se interessou por Rio Maior. Como director, que ao tempo era, do Museu Nacional de Arqueologia, em Belém, juntou ali muitos materiais arqueológicos por ele recolhidos não só em Rio Maior, mas também em Montemor-o-Novo, etc. Meteu o que pôde em dezenas de gavetas que marcou com um sinal de que só ele conhecia o significado! Havia um caderno onde anotara a explicação dos rótulos das gavetas, caderno esse que vi. Depois da aposentação de Manuel Heleno fui nomeado seu sucessor na direcção daquele Museu; mas como o antigo director continuava a trabalhar ali, quando o tempo lho permitia, não lhe ia perguntar pelo caderno! Depois do seu falecimento procurei o malfadado caderno por toda a parte, baldadamente. A própria Família desconhecia até a sua existência.

Felizmente que anos antes, ainda em vida de Manuel Heleno, eu fora designado por Colegas do País vizinho, para presidir à secção de Pré-história do «Congresso para o Avanço das Ciências», a realizar em Bilbao, com o encargo de levar comigo um resumo sobre os resultados obtidos por portugueses naquele campo da arqueologia, isto é, da Pré-história.

Atrevi-me então a pedir uma entrevista ao que havia de ser meu antecessor. O fim em vista era não só tentar desvendar, pouco que fosse, o mistério das gavetas mas, por outro lado tornar mais patente o valor dos trabalhos de Manuel Heleno, a apresentar aos Colegas espanhóis.

Da entrevista não resultou grande coisa; mas alguma foi aproveitada para incluir no meu relatório, a levar a Bilbao, como levei.

Por qualquer motivo esse relatório não foi publicado, mas conservo parte do original; e dele copio o que então me foi dito e logo anotei como se segue:

«No Ribatejo, principalmente em Rio Maior, rara foi a freguesia onde não encontrei indústrias das mesmas épocas (referia-se antes ao Achelense e ao Abbevilense) de outras estações.»

E mais adiante, referindo-se ao abrigo das «Grandes Bocas» disse ter nele descoberto seis níveis em «Bocas I», assim dispostos:

- 1.º Bronze pouco espesso; Ferro e Romano
- 2.º Cinzas e neo-eneolítico espesso
- 3.º Estéril
- 4.º Mesolítico
- 5.º Grimaldense
- 6.º a 6 m. de profundidade — Paleolítico Superior incaracterístico.»

Na Fonte da Telha encontrou:

«Neo-eneolítico

Mesolítico com pequeno nível de micrólitos: trapézios, semelhantes aos de Cambelas, do Paleolítico Superior, ou antes do Epipaleolítico, derivado do Madalenense».

E nada mais acrescentou Manuel Heleno sobre as suas explorações em Rio Maior; mas as poucas palavras que disse têm muito interesse não só pelas revelações sobre o Paleolítico, como sobre o Ferro e o Romano, por completarem o que depois veio a ser acrescentado.

Seguidamente irei enunciar o que já atrás fora dito por Manuel Heleno englobando-o nos resultados publi-

cados por Afonso do Paço e seus colaboradores riomaiores acima citados; mas antes, não quero deixar de agradecer ao meu colega Farinha dos Santos o trabalho a que se quis dar reunindo em uma lista os lugares arqueológicos do concelho de Rio Maior e que são do seu conhecimento.

*Anotações sobre estações arqueológicas do concelho de Rio Maior. Estão distribuídas por todas as Idades, desde o Paleolítico Antigo ao Ferro e ao Romano*

— *Paleolítico Antigo e Médio* (Abbevilense, Ache-lense, Levallorsense e Mustierense)

Na área compreendida entre a Quinta de S. Paio, a Mina do Espadanal, a Azinheira e o Casal Vai Vai.

— *Oficina* lítica de superfície, datada do Mustierense (Pal. Médio) — Quinta da Rosa.

— *Paleolítico Superior*:

Aurignacense — Cabeça Figueiro, Bairradas, Pinnheiro de Carneira, Vasca, Vale Comprido (ao pé de Barroca) e Vale de Porcos

Perigordense — Senhora da Luz, Casal do Filipe, Vale Comprido, Quinta Nova

Protosolutrense e Solutrense Médio — Vale Comprido e Quinta Nova

Solutrense Superior — Arneiro, Passal, Quintal da Fonte.

Madalenense Antigo — Vale Comprido

Grimaldense — Abrigo Grande das Bocas (Freiria)

— *Outras grutas* — Da Esperança (freg.<sup>a</sup> de Alcobertas); Da Raposa (idem)

Dos Olhos de Água (idem)

Alto da Capa Rota (freg.<sup>a</sup> de Rio Maior)

— *Abrigos sob rocha*, de interesse arqueológico

Feira (dois, freg.<sup>a</sup> de Alcobertas); fragmento de osso

— *Epipaleolítico* — Nível Tardenoisense no Abrigo grande das Bocas

Sauveterrense, no Abrigo do Forno da Telha.

- *Neolítico* — Povoado do Alto das Bocas  
 Gruta I da Senhora da Luz  
 Peneda, machado de pedra polida ; dois vasos de cerâmica, de que um continha espirais metálicas (?)  
 Gruta da Raposa — cerâmica, ossos e um micrólito trapezoidal.  
 norte da Gruta, cinzelanfíbólico
- *Eneolítico* — Povoado do Alto das Bocas  
 Povoado do Cabeço do Marco
- *Eneolítico* e Idade do Bronze — Monte de S. Martinho, chamado pelo povo Monte do Castelo — Machado de pedra polida, punhalitos de cobre (?), fragmentos de cerâmica de Bronze, fragmento de placa de arqueiro; tem em cima ruínas de um povoado, três cinturas de muralha e uma capela arruinada (chamada de S. Martinho).  
 Teria existido ali um santuário campestre?  
 As muralhas serão de uma fortificação da Idade do Bronze, ou posteriores?  
 Na encosta do Monte foi localizado um cemitério; encontrados cacos de várias vasilhas; mais um machado plano, de cobre  
 dois machados de talão providos de um simples anel, um machado de talão provido de duas pegas horizontais  
 um machado de cubo  
 uma matriz de cobre (ou de bronze?)
- Dolmen de Alcobertas — Está transformado em capela de St.<sup>a</sup> Maria Madalena, e ligado à igreja Matriz pelo corredor de acesso à Câmara. Tem azulejos no seu interior, mas não sei como estão dispostos nem de que data são. Não foram encontrados motivos decorativos nos esteios. Do Dolmen há um desenho, sem escala; faltam a planta, o alçado e o resultado da escavação a executar no solo da capela.
- Forno de cerâmica, perto de Alcobertas; não foi calculada a cronologia
- Dezenas de silos — também perto de Alcobertas; igualmente falta a cronologia.

## CONCLUSÕES

Temos notícia segura de ocupação humana, no concelho de Rio Maior, a partir da mais antiga humanidade: desde o Paleolítico Antigo ou Inferior, bem como do Paleolítico Superior, este largamente representado, do Epipaleolítico, do Cobre, do Bronze, do Ferro e do Romano; os dois últimos muito pouco patenteados até à data.

A que se deveu esta procura da área de Rio Maior? Certamente não só às condições locais; às boas terras, aos bons ares, e à abundância de água, mas também não deve ser estranho a esta permanência ou persistência o existirem ali as salinas, pois muito cedo devem ter começado a serem exploradas ou simplesmente aproveitadas.

Dada a vantagem oferecida pela facilidade de obtenção de sal, indispensável à vida, este pormenor, julgo, deve ter sido levado na devida conta, desde que por ali passou o primeiro homem.

A distância a que o concelho está do mar não é muita. Rio Maior fica entre os povoados metalurgistas de Vila Nova de S. Pedro e Zambujal. Não sabemos que surpresa nos poderá dar a exploração arqueológica perfeita, bem conduzida, do Monte do Castelo (ou se S. Martinho).

Infelizmente, que disso tínhamos conhecimento, ainda nenhum arqueólogo se dedicou a explorá-lo e é pena, pois nem sequer sabemos a que período pertence!

O estudo das grutas e seu espólio podem vir a revelar achados de muito valor além dos que já nos oferecem.

A área de Alcobertas também é cheia de interesse. Além do Monte de S. Martinho e nele os Abrigos de Feira, os fornos de coser cerâmica, as dezenas de silos e, principalmente agora o dolmen de corredor enxertado na igreja Matriz. Este monumento já classificado de interesse público, bem merecia uma escavação no seu ante-solo.

*A bibliografia* sobre a arqueologia do concelho é bem escassa; praticamente limita-se, que saibamos, à comunicação cheia de interesse, é certo, apresentada ao I Congresso Nacional de Arqueologia, por Afonso do Paço e o grupo riomaiorense formado por verdadeiros interessados nestes estudos.

Manuel Heleno, que poderia ter levado Rio Maior à altura que merece, dentro da Arqueologia, pouco pude adiantar como referimos no texto. O aproveitamento do riquíssimo espólio guardado no Museu Nacional de Arqueologia, onde o Mestre tanto trabalhou e para onde tantos materiais acarretou, continua a aguardar a «chave» que o há-de abrir. E então, em Rio Maior e mesmo no País o seu nome será gravado com palavras de louvor, tenho disso a certeza.

Infelizmente também, a doença que o vitimou muito lhe cerceou as suas indubitáveis qualidades de investigador probo e erudito.

Tenhamos esperança.

